

O EXÉRCITO SUÍÇO.

MAJOR EDWIN STETTLER, do Exército Suíço, (*Revue Militaire d'Information*, novembro de 1964).

Trad. do Ten-Cel Art Rubens Mário Jobim, oficial de Estado-Maior.

O FIM DO EXÉRCITO DE MILÍCIA?

A ameaça da guerra total, tal como podemos vislumbrá-la hoje, tendo em conta a arma nuclear e a ação subversiva, não deixa de propor aos suíços o saber se seu exército de milícia possui ainda real valor.

Um tal sistema será capaz de satisfazer, no futuro, as exigências de armamentos sempre mais avançados tecnicamente? Estarão os quadros e a tropa, formados aceleradamente durante curtos períodos de instrução, em condições de dominar engenhos cada vez mais aperfeiçoados que requerem, numa medida jamais atingida até aqui, o concurso de especialistas para os pôr em ação no campo de batalha?

A noção de massa à base de infantaria, própria das milícias, não deve ceder lugar a um exército profissional mais reduzido, equipado com os últimos produtos da indústria bélica, inteiramente blindado e mecanizado, dotado de engenhos e aviões, reforçado pela arma nuclear, imunizado contra os ataques da guerra psicológica e ideológica?

Manter uma força de milícias que abarca toda a nação, no tempo e no espaço, não será, em definitivo, mais custoso que um outro sistema mais racional?

Enfim, constituirá verdadeiramente o exército de milícia, com todas suas contradições aparentes, talvez reais, o indispensável fator moral que garantirá ainda amanhã a existência da pátria? Em outros termos, tem modernamente valor o conceito de cidadão-soldado?

Eis algumas questões fundamentais que a Suíça procurou resolver realisticamente. Seu exército de milícia não somente permaneceu puro em sua estrutura, como foi dotado de meios modernos de combate.

A MILÍCIA SUÍÇA

Antes de empreender a análise desse exército, convém definir sua peculiaridade.

Baseia-se êle, essencialmente, na noção do "cidadão-soldado". Único instrumento da defesa nacional, estrutura-se no serviço obrigatório fixado pela Constituição para o conjunto dos cidadãos que são chamados às armas a partir da idade de vinte anos, desde que não estejam reformados ou ausentes do país. Nestes dois últimos casos, devem, em compensação, pagar uma "taxa militar" proporcional à sua renda. As tropas são enquadradas unicamente por oficiais e suboficiais da reserva. O quadro de carreira limita-se a um corpo restrito de instrutores; cerca de 500 oficiais e 1.000 suboficiais superiores.

Composto de forças terrestres e aéreas, cujo equipamento é comparável ao dos exércitos estrangeiros, o exército suíço está em condições de pôr rapidamente de pé suas brigadas e divisões, treinadas nas novas técnicas de combate. Não se pode, pois, confundir-lo com as formações comumente chamadas "milícias", que jamais tiveram no passado senão um valor muito relativo e nem o terão mais verossímil no futuro, pois lhes faltará sempre êsses fatores essenciais que são a instrução, o enquadramento, o armamento e a rapidez de mobilização.

O TREINAMENTO DA MILÍCIA

Uma das características do exército de milícias é que seus soldados são submetidos a curtos períodos anuais de treinamento, enquanto que os quadros são freqüentemente chamados diversas vezes por ano. Êstes períodos de convocação militar são destinados a reavivar os conhecimentos, a aprender o serviço das armas e materiais novos, a exercitar



os chefes no comando das tropas. É incontestável, para quem conhece o exército suíço, que este método foi suficiente para dar ao país, durante os dois últimos conflitos mundiais, uma defesa nacional coerente e porte, bem adaptada à missão tradicional: a garantia da integridade do território e do estatuto da neutralidade. Este procedimento ainda ontem válido, dará, amanhã, às unidades de milícia, os conhecimentos táticos e técnicos, a coesão, necessários ao combate moderno? A resposta pode surgir da análise sucessiva dos aspectos político, estratégico, técnico e econômico do problema.

A preparação continua reveste-se de um acentuado aspecto político, porque só pode existir pela perfeita soldadura do exército com a nação. Exige, pois, da parte do cidadão, a melhor compreensão sobre seu engajamento, em face das questões de política interna e externa que condicionam a existência da pátria. Nada melhor que esses contatos frequentes com o exército para dar ao "cidadão-soldado" a convicção de que a defesa do país é seu dever. Ao correr de toda a vida, bebe êle, regularmente, nas próprias fontes, os conhecimentos de que necessita do sentido das decisões militares. Nunca fica tão longamente afastado de seu exército que não mais o compreenda; vive sua evolução. Não é preciso procurar alhures a causa do imenso interesse que suscita na Suíça tudo quanto toca ao exército. Em face das formas atuais da guerra, esta compreensão profunda e real do exército pelo povo evidencia-se mais necessária do que nunca. O equipamento das tropas modernas custa muito caro e suas cargas financeiras são cada vez mais pesadas de suportar. As razões desses sacrifícios devem ser compreendidas pela nação inteira. Onde poderiam sê-lo melhor que lá, onde a integração civil e militar continua constante?

No quadro estratégico, ao contrário dos exércitos da ativa que os governos podem utilizar indiferentemente na conquista ou na conservação de objetivos políticos, a milícia não pode, por sua essência e estrutura, servir senão para a estratégia defensiva. A Suíça e sua política de neutralidade deveriam, pois, ser muito naturalmente a terra eleita do sistema que fez suas provas no curso dos dois últimos conflitos mundiais. Foram sucessos conseguidos, essencialmente, pela demonstração do estado de preparação e da vontade de defesa a que pode chegar um exército de milícia. Não existem razões sérias para pensar numa diminuição deste respeito no futuro, com a condição, contudo, de que este exército mantenha sua força e sua vigilância. É verdade que esta mobilização súbita e profunda da nação poderia significar a parada brutal da vida econômica do país, se sua organização não levasse em conta as necessidades indispensáveis do setor privado. De outra parte, o reabastecimento do exército de campanha deve forçosamente encontrar sua solução no prévio depósito dos estoques necessários, mais que numa fabricação de resultados aleatórios, em economia de guerra.

No plano técnico, os cursos militares de breve duração, característicos da milícia, são amiúde comparados, qualitativamente, ao longo ser-

viço nos exércitos profissionais. Alguns pretendem que somente a segunda fórmula dá bons resultados. No entanto, os militares podem ser submetidos a uma instrução mais intensa em escolas de recrutas (quatro meses) ou em cursos de revisão (três semanas), como no exército suíço, que em períodos de dezoito ou vinte e quatro meses consecutivos. O resultado talvez seja, qualitativamente falando, o mesmo, se é que no exército de milícia não se obtém maior economia de tempo e de meios.

UMA PREPARAÇÃO CONTÍNUA

Após sua desmobilização, o soldado dos exércitos permanentes esquecerá, com maior ou menor rapidez, tudo o que aprendeu no regimento; em caso de mobilização, os reservistas deverão, pois, não somente ser reequipados, mas sobretudo retreinados durante várias semanas antes de poderem ser engajados. O exército de milícia, ao contrário, graças a seu ciclo de convocação militar, não permite que os conhecimentos adquiridos se estiolem com o tempo. Cada ano, reforça-os e completa-os. O conjunto das tropas mantém-se permanentemente em ordem de marcha, e assimila, à medida da evolução, o serviço das armas recentemente introduzidos. A racional utilização dos talentos civis dos soldados representa o suporte indispensável ao sucesso dos curtos períodos de treinamento. Pois, se o exército da ativa pode criar êle próprio, para tôdas suas peças, os especialistas de que necessita, o exército de milícia não tem nem tempo nem meios para fazer o mesmo. A necessidade de se concentrar no essencial, leva-o naturalmente a incorporar os homens em função de sua profissão civil, a fim de ganhar, a partir dessa plataforma, o tempo necessário para transformar um especialista civil em um especialista militar. Este recrutamento diferenciado deve necessariamente evoluir com o tempo. Antigamente, uma parte dos agricultores suíços era reservada à cavalaria; hoje, devido à motorização da agricultura, seus filhos servem como motoristas de carros ou de veículos para qualquer terreno.

O cidadão, onde quer que tenha sido colocado nas forças dessa milícia, tem consciência de haver sido aproveitado segundo sua capacidade e, portanto, de poder melhor contribuir no esforço de defesa. Sabe que o Estado, assim procedendo, evita despesas inúteis e se serve vantajosamente da evolução técnica do setor privado. Se é verdade que o recrutamento selecionado ainda satisfaz para o grosso do exército, certas tropas altamente técnicas, que a guerra atual exige, apresentam graves problemas para o exército de milícia, que parece se encontrar diante de um impasse. Deverá, talvez, recorrer, em certos casos, à formação profissional e aceitar uma nova estrutura, ornando-se com elementos permanentes. Uma tal solução é perfeitamente viável; não existe na Suíça, já há longo tempo, um corpo encarregado da guarda das fortificações e uma esquadrilha de vigilância, compostos ambos de militares de carreira? O número de especialistas indispensáveis, para os quais o sistema deveria ser modificado, não é de fato desmedidamente grande.

Graças aos processos modernos de fabricação, a manobra dos materiais torna-se sempre mais simples. Na técnica atual dos armamentos, é menos difícil empregar os meios que mantê-los. São pois, sobretudo os estados-maiores e as unidades de manutenção que necessitarão de especialistas difíceis de recrutar e de formar. Para resolver este problema, o exército de milícias deverá, certamente, abrir novos caminhos, mas esta nova dificuldade não diminuirá o valor do sistema.

Em nossa época de intenso desenvolvimento econômico, surgiram críticas à retirada freqüente e repetida dos homens de seu circuito profissional, considerada nociva ao conjunto da economia. Ora, os níveis atingidos pela Suíça, no pós-guerra, mostram bem que tal prática não conseguiu frear o progresso do país. Em verdade, é difícil que um período de serviço de algumas semanas tenha repercussão irreversível no circuito privado. Nos quadros civis, onde estão, precisamente, os chefes no exército, é onde a interferência é mais acentuada. É interessante constatar, entretanto, que os candidatos aos comandos, apesar das pesadas obrigações resultantes, jamais faltaram até aqui, no exército suíço. Para manter seu valor, o sistema não pode evidentemente deixar de evoluir com seu tempo. As necessidades do setor privado devem ser tomadas em consideração. A escolha dos períodos e sua duração adaptar-se-ão ao ritmo dos ciclos econômicos. Ainda que a harmonização dos imperativos militares e das necessidades civis seja freqüentemente delicada de realizar, é uma prova do civismo sem o qual nenhum esforço de defesa nacional teria valor durável.

Este princípio da preparação contínua do exército suíço é a força viva que anima o conjunto do corpo de defesa, dá-lhe a energia e a experiência necessárias à sua manutenção.

Com a condição de continuar flexível na aplicação dos meios, de modificar os métodos de recrutamento e de instrução ao livre arbítrio do tempo, de não recusar a reavaliação periódica das estruturas, a preparação contínua dará ao país o exército de milícia de que ele necessita, mesmo nas perspectivas novas de um conflito futuro.

OS QUADROS DE MILÍCIA

A apreciação do exército de milícia não pode ser feita sem se estudar, particularmente, a qualidade de seus quadros. A questão continua sendo, pois, saber se os chefes, mesmo não sendo de carreira, são capazes de enquadrar um exército moderno. Para se ficar persuadido, é suficiente lembrar a massa dos quadros de reserva engajados nos dois últimos conflitos mundiais, freqüentemente, aliás, após uma formação acelerada exigida pelas circunstâncias. No exercício do comando, continua tendo maior peso o comportamento dos homens, por conseguinte seu caráter e personalidade. Ora, estes fatores são, no fundo, idênticos para o chefe militar e o chefe civil. Enquanto as forças de milícia selecionaram seus oficiais e suboficiais nos quadros do setor pri-

vado, terão assegurado homens com tôdas as qualidades morais e intellectuais exigidas para conduzi-las. É o caso da Suíça, onde a elite civil constitui igualmente a hierarquia de seu exército. Este é zeloso na escolha de seus quadros, que, por seu lado, fazem os empreendimentos civis do país aproveitar a experiência adquirida na caserna.

Um dos argumentos por vêzes utilizado contra o exército de milícia é o da experiência de guerra, que daria vantagem ao oficial de carreira sobre o da reserva. Esta concepção merece ser devidamente considerada. Não sendo a guerra um fenômeno contínuo, mas intermitente, decorre que as lições tiradas de uma campanha não podem ser inteiramente transportadas para a seguinte, muito menos ainda porque, nesse ínterim, a função dos quadros terá mudado. Sua responsabilidade e seu ponto de vista do conflito variam no tempo. Ademais, os materiais, as formas de combate, as características do campo de batalha mudam a cada campanha, de tal sorte que as experiências adquiridas numa, não são forçosamente aplicáveis em outra. No que diz respeito à guerra futura, que talvez seja nuclear, os quadros, quer sejam de carreira ou de milícia, serão todos colocados, no momento oportuno, diante do mesmo desconhecido. Em consequência, sua preparação não pode ser feita, atualmente, senão pelo estudo teórico realizado em exercícios e manobras, devendo o levantamento das últimas incógnitas ser feito no próprio campo de batalha. Há, pois, muitas probabilidades de que o adversário do exército suíço seja forçado, também êle, a engajar, em um conflito de envergadura, chefes da reserva, bem como os jovens quadros da ativa, sem experiência de guerra.

A FORMAÇÃO DOS QUADROS

Dar a seus oficiais a formação tática e técnica necessária ao exercício do comando é um dos maiores problemas a resolver pelo exército de milícia. Esta preocupação aumenta com a evolução das forças militares. A principal dificuldade a esta formação surge da impossibilidade de chamar os quadros para longos períodos, já que tais prazos são incompatíveis com a organização das forças de milícia. Todavia, isto é compensado pelos longos programas de estudo das escolas de quadros de carreira compreenderem uma boa parte de cultura geral, que o candidato à milícia deve adquirir na vida civil, o que permite reduzir sua instrução ao essencial: a matéria militar. De outra parte, o exército suíço suporta esta redução porque a educação básica é adquirida na escola de recrutas, pela qual devem passar todos os cidadãos aptos a pegar em armas. Lá é que serão selecionados, tendo em vista o acesso. Antes de serem investidos num comando, os quadros de milícia estarão sujeitos a cursos preparatórios seguidos de estágios práticos. No exército suíço, este período de formação é de treze meses para o subtenente e de cerca de dois anos para o capitão. Esta instrução compreende, primeiramente, uma formação básica, depois uma série de escolas de quadros, de cursos táticos e técnicos e, por fim, estágios de aplicação na tropa e períodos de exercícios e manobras.

No total, os chefes de milícias são submetidos, durante sua carreira militar, a um treinamento que não poupa tempo nem esforço. Ademais, eles continuam, fora de seu período de convocação, a participar ativamente da vida militar. Os oficiais investidos de um comando conservam também esta função enquanto a tropa não está em serviço, já que o sistema prevê que eles continuem, na vida civil, a administrar suas unidades. Sendo responsáveis pela instrução, cabe-lhes igualmente preparar os exercícios anuais. Estes encargos fora do serviço, freqüentemente pesados, mostram bem o aspecto sério e completo do trabalho do oficial de milícia.

Podemos então pensar que os quadros de um tal exército serão capazes de preencher sua missão num exército moderno, à condição que os métodos de instrução e de seleção sejam constantemente mantidos em dia, sem abandono das verdadeiras tradições.

O valor do exército de milícia está intimamente ligado à qualidade de seus quadros, cuja formação deve ser objeto de todo o seu cuidado.

É, em primeiro lugar, de seu espírito cívico, de sua profunda vontade de contribuir com sua própria pessoa para o esforço de defesa nacional, mesmo a preço de sacrifícios no plano privado, que dependerá o sucesso desse exército. Esta virtude não pode ser adquirida somente no serviço militar. Ela é antes, necessariamente, obra da família, da escola e da igreja, a fim de que o exército possa construir sobre a mensagem que elas terão transmitido.

GUERRA NUCLEAR

Até a entrada em liça da arma nuclear, a milícia podia pretender ocupar uma séria posição no campo de batalha convencional, estando bem adaptada à guerra clássica, que seus quadros e tropa podiam dominar. Mesmo levando-se em conta a evolução dos meios, não há razão para descer de sua capacidade. Se de um lado, é verdade, a técnica criou engenhos sempre mais poderosos e complexos, paralelamente empenha-se em simplificar seu emprêgo. O exército de milícia guarda tôdas suas possibilidades para os futuros combates convencionais, pois o aperfeiçoamento torna também mais fácil a solução de grande número de problemas táticos ou técnicos para os homens que, é preciso não esquecer-lo, evoluem igualmente com seu tempo. Dêste ângulo, o exército de milícia continua pois válido, com a condição de que submeta constantemente à prova do tempo seus métodos de preparação.

Além disso, e com mais freqüência que no passado, deverá reavaliar a situação estratégica do país, a fim de modificar, de acôrdo com as necessidades, a concepção de defesa, bem como a articulação das tropas e o seu equipamento. É a razão pela qual, em 1961, a Suíça procedeu a nova reorganização de seu exército, e hoje sua população de

5,5 milhões de habitantes dá-lhe 500.000 homens para as forças de defesa, que contam, entre outras, 12 divisões de elite, das quais 3 são blindadas e mecanizadas, uma aviação tática e engenhos antiaéreos.

No que diz respeito à guerra nuclear, de saída constatamos que os efeitos do fogo seriam os mesmos, quer aplicados sobre uma tropa de milícia, quer sobre outra. Sua atitude será idêntica, desde que os dois sistemas sejam equivalentes quanto ao valor de seus chefes, à qualidade do equipamento, à disciplina e ao treinamento. Logo, devemos reconhecer também que, na hora atual, todos os exércitos estão ainda à procura de uma solução, tendo em vista o conflito nuclear. O acúmulo de novos conhecimentos, a situação do armamento nuclear e sua distribuição no mundo provocam de tal maneira freqüentes revisões das estratégias e dos processos táticos, que é temerário dizer hoje quem detém a verdade.

As medidas adotadas pelo exército de milícia têm, pois, as mesmas probabilidades de ser judiciosas, sobretudo se se leva em conta os períodos anuais de serviço, que lhe permitem evoluir praticamente no mesmo ritmo dos outros sistemas. Devemos, enfim, perguntar-nos também se esse exército está em condições de se equipar com armas atômicas e de conduzir, por sua vez, o combate nuclear. Estes meios exigem, na fase de fabricação, é verdade, especialistas numerosos. Mas, uma vez postos à disposição do exército, não exigem senão um número restrito deles, que podem ser recrutados, mesmo num pequeno país cientificamente evoluído. Na fase de emprêgo, a arma nuclear reclama, sobretudo, oficiais de estado-maior, artilharia, aviadores e logísticos, especialmente instruído neste sentido. Isto não é incompatível com as possibilidades de um exército de milícia moderno, desde que, porém, o país queira e possa aceitar os encargos morais e materiais suplementares, decorrentes do reforço da defesa nacional, em caso de guerra nuclear. A este propósito, o Conselho Federal Suíço declarava oficialmente, em 1958, reservar-se o direito, em caso de necessidade, de dotar seu exército com armas nucleares.

GUERRA SUBVERSIVA

Na luta contra a guerra subversiva, a ligação exército-nação criada pelo exército de milícia desempenha um papel essencial. Isto atém-se primeiramente, às virtudes do serviço obrigatório, ao qual os cidadãos se submetem cada ano, porque é sua vontade. O corpo de tropa torna-se assim uma maravilhosa escola de civismo, onde homens de tôdas condições encontram-se seguidamente, aprendem a estimar-se e a respeitar as opiniões alheias. O exército de milícia é um fator de estabilidade política que seria errôneo subestimar, e cuja total amplitude não aparece senão quando se percebe a extraordinária imbricação militar, política e econômica assim realizada na vida nacional. Isto atém-se, também, ao fato de o sistema de milícia não permitir senão uma estratégia defensiva.

O cidadão-soldado sabe por que se bate, pois a missão permanente do exército é assegurar a independência do país e a manutenção da ordem interna. Tem consciência de que a causa que defende é justa e da confiança que lhe deposita a retaguarda.

Assim, a vontade de resistir não se acende somente no momento da mobilização, manifesta-se já em tempo de paz, porque a democracia armada sabe que sua vida depende dessa indispensável firmeza de espírito. O fracasso, entre as duas grandes guerras, dos conluíus totalitários na Suíça, bem como a mobilização de 1939-45, valem aqui como testemunho.

CONCLUSÃO

O exército suíço de hoje, permanecendo fiel à sua longa tradição de milícia, é um instrumento moderno, adaptado às condições de combate exigidas pelo relêvo tormentoso do país, embora sua vontade de se manter através do tempo, apresente problemas mais difíceis de resolver que alhures. Não esqueçamos, porém, que este sistema de defesa encontra seu sentido profundo em nosso espírito nacional, no temperamento de nossas populações, de raças e línguas diferentes, na estrutura política dos cantões e da Confederação que, em conjunto, insuflam-lhe a vida de que necessita.

Só encarando nossa milícia sob esse aspecto, é possível julgá-la e ter-lhe confiança no futuro.

